



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

CAMPUS COLINAS

CURSO DE LETRAS LICENCIATURA DE LINGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE
LINGUA PORTUGUESA

ALDÂNIA DA SILVA COSTA PORTO

**DO ESPELHO QUEBRADO A LUZ DE TIETA: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO
ROMANCE *TIETA DO AGRESTE*, DE JORGE AMADO**

Colinas- MA

2025

ALDÂNIA DA SILVA COSTA PORTO

**DO ESPELHO QUEBRADO A LUZ DE TIETA: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA
ESCRITA DE JORGE AMADO**

Monografia apresentada como pré-requisito
para obtenção do título de Licenciada em
Licenciatura Letras / Língua em Portuguesa,
pela Universidade Estadual do Maranhão,
campus Colinas

Orientador: Prof^o. Dr. Abílio Neiva Monteiro

Colinas – MA

2025

Porto, Aldania da Silva Costa.

Do Espelho Quebrado a Luz de Tieta: a representação feminina no romance Tieta do Agreste de Jorge Amado / Aldania da Silva Costa Porto. - Colinas - MA, 2025.

32 f.

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Abílio Neiva Monteiro.

1. Representação. 2. Literatura Brasileira. 3. Jorge Amado. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

ALDÂNIA DA SILVA COSTA PORTO

**DO ESPELHO QUEBRADO A LUZ DE TIETA: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA
ESCRITA DE JORGE AMADO**

Monografia apresentada como pré-requisito
para obtenção do título de Licenciada em
Licenciatura Letras / Língua em Portuguesa,
pela Universidade Estadual do Maranhão,
campus Colinas
Orientador: Prof^o. Dr. Abílio Neiva Monteiro

Aprovado em: 11 /12 /2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



ABILIO NEIVA MONTEIRO

Data: 06/02/2026 17:37:48-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof^o. Dr. Abílio Neiva Monteiro
(Orientador)**

Documento assinado digitalmente



MARCIA DO SOCORRO DA SILVA PINHEIRO

Data: 07/02/2026 11:20:56-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa. Dra. Márcia do Socorro da Silva Pinheiro
(1º membro)**

Documento assinado digitalmente



LAIZE OLIVEIRA SILVA

Data: 09/02/2026 19:02:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa. Esp. Laize Oliveira Silva
(2º membro)**

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, raízes que me sustentam e
que me ensinaram a sonhar e lutar.

Ao meu irmão, meu apoiador constante,
cumplice de risadas e desafios a enfrentar.

Ao meu conjugue, amor que me completa,
na dança do dia a dia somos um só.

E aos meus filhos, luzes que me iluminam
o dia, transformando o simples em magia.

AGRADECIMENTOS

Manifesto, inicialmente minha gratidão a Deus por me capacitar até aqui, sem minha fé no amanhã não teria sido possível alcançar essa conquista, também expresso meus mais profundos agradecimentos a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, voluntária ou involuntariamente, contribuíram para a concretização desta etapa tão significativa de minha trajetória acadêmica e pessoal. Reconheço que nenhum percurso formativo se constrói de maneira isolada; ao contrário, ele é tecido por laços afetivos, redes de apoio, relações de solidariedade e pela presença de pessoas que, em diferentes momentos, estenderam a mão, ofereceram palavras de incentivo ou simplesmente acreditaram em meu potencial quando eu mesma duvidava.

Aos meus pais, Antônio Gomes da Costa, Alzerina da Silva Costa e ao meu irmão, Aléx da Silva Costa, registro minha gratidão mais genuína. Embora a distância geográfica nos separasse, nunca deixaram de se fazer presentes, oferecendo-me suporte financeiro, emocional e moral nos momentos em que eu mais precisava. Em cada telefonema, mensagem ou gesto de cuidado, encontrei o estímulo necessário para continuar avançando. A confiança inabalável que depositaram em mim, mesmo quando minhas forças vacilaram, foi determinante para que eu prosseguisse diante dos desafios que surgiram ao longo desta jornada acadêmica. Sem o apoio constante deles, este trabalho não teria sido possível.

Ao meu esposo, Antônio Carlos de Sousa Porto, estendo um agradecimento especial. Apesar de sua rotina extenuante de trabalho, ele se manteve ao meu lado com dedicação, paciência e compromisso, assumindo responsabilidades e reorganizando seus horários para garantir que eu pudesse frequentar a universidade e me dedicar às atividades acadêmicas, quantas vezes juntos corremos riscos no trajeto de casa a universidade e vice-versa, e mesmo assim seguimos juntos por acreditávamos nesse propósito. Mais do que um suporte logístico, sua presença representou parceria verdadeira, cumplicidade e incentivo contínuo. Sua fé no meu potencial e sua disposição em caminhar ao meu lado foram fundamentais para que eu mantivesse firme a determinação de concluir esta etapa.

Meus filhos, Aléxia da Silva Costa Porto e Alisson Hartur da Silva Costa Porto, também merecem destaque neste momento de agradecimento. Eles enfrentaram períodos em que a mãe precisou estar ausente, envolvida com leituras, pesquisas, prazos e compromissos acadêmicos. Ainda assim, demonstraram compreensão e maturidade, reconhecendo que meus esforços representavam, de forma direta, um investimento no futuro de toda a família. A sensibilidade com que acolheram minha ausência e o carinho com que me apoiaram, mesmo sem muitas

vezes compreenderem a complexidade da vida acadêmica, foram fontes inesgotáveis de motivação.

À minha cunhada, Rita de Cássia Sousa Porto, registro um agradecimento carregado de reconhecimento e afeto. Sua presença representou uma das redes de apoio mais significativas deste percurso. Foi ela quem assumiu o cuidado dos meus filhos em inúmeros momentos, permitindo-me cumprir prazos, participar de atividades da universidade e dedicar tempo integral às demandas acadêmicas. Mesmo diante de conflitos naturais das relações humanas, ela jamais retirou seu apoio. Sua disponibilidade, generosidade e comprometimento foram essenciais para que eu pudesse conciliar maternidade, vida pessoal e formação acadêmica com responsabilidade e serenidade.

Estendo também minha gratidão à memória de minha sogra, Leonor de Sousa Porto, já falecida, cuja confiança em meu potencial permanece viva em minha trajetória. Em vida, ela sempre me incentivou a buscar mais, acreditando firmemente que eu era capaz de alcançar voos maiores. Suas palavras, seus gestos e sua fé em mim continuam a ecoar, iluminando meu caminho e fortalecendo minha determinação em seguir adiante, mesmo diante das adversidades.

À luz de uma perspectiva acadêmica que reconhece a importância dos encontros formativos, registro minha sincera gratidão à professora Márcia do Socorro Pinheiro que nos acolheu no primeiro dia de universidade., firme e sensível, apresentou-nos não apenas à instituição, mas a uma reflexão profunda sobre o que significa ser mulher em um espaço de produção de conhecimento. Foi naquele primeiro contato que compreendi que a literatura ou melhor a história da literatura (disciplina ministrada) poderia ser um campo de emancipação, crítica e autoconhecimento.

Por fim, e por tamanha importância, expresso meu mais profundo agradecimento ao meu orientador e amigo, Abílio Neiva Monteiro, que desde o seu primeiro ano na instituição, me estendeu a mão e me escolheu como sua bolsista e consequentemente o escolhi como meu orientador; exemplo de profissionalismo, ética, rigor intelectual e humanidade. Sua orientação cuidadosa, seu compromisso com a pesquisa e sua generosidade acadêmica foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Agradeço por não ter soltado minha mão nos momentos de incerteza, por cada palavra de encorajamento, por cada sugestão precisa e pela confiança que depositou em mim, mesmo quando eu me sentia insegura diante dos desafios da escrita acadêmica. Seu papel foi determinante para que eu desenvolvesse autonomia intelectual, amadurecimento crítico e confiança em minha própria capacidade. Obrigado por me fazer apaixonar-me pela literatura.

A todas as pessoas que, de diferentes maneiras, contribuíram para que esta conquista se tornasse possível, expresso meu reconhecimento mais sincero. Esta realização não é apenas minha: ela é fruto da colaboração, do apoio e do amor de cada um que caminhou ao meu lado.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação feminina na obra **Tieta do Agreste**, de Jorge Amado, buscando identificar os elementos literários e sociais que moldam as personagens femininas e discutir suas implicações no contexto da literatura brasileira e da sociedade da época. A pesquisa visa verificar a função da mulher dentro do imaginário literário brasileiro, revelando como a literatura pode tanto refletir quanto questionar as relações de gênero e as dinâmicas sociais. A literatura é um campo fundamental para o debate sobre espaço da mulher na sociedade, pois, por meio das narrativas, os autores expõem, questionam e transformam percepções sobre a condição feminina, refletindo realidades e aspirações que ultrapassam barreiras sociais e culturais. Nesse cenário, **Tieta do Agreste**, publicado em 1977, destaca-se como uma obra marcante da literatura brasileira, que, com linguagem rica e humor, aborda as contradições sociais do Nordeste, apresentando a personagem Tieta, uma mulher ousada que desafia as convenções e preconceitos da sua comunidade. O estudo propõe investigar como a figura feminina é representada na obra, com atenção especial à sexualidade, liberdade e autonomia, e como Jorge Amado, por meio de Tieta, critica a moral conservadora da época, dando voz às mulheres marginalizadas e reprimidas. A trajetória de Tieta é analisada como símbolo de resistência e transformação social. A pesquisa é bibliográfica, fundamentada em autores como Simone de Beauvoir (1970), Judith Butler (2003) dentre outros, que discutem questões de gênero e feminismo. Com isso, Jorge Amado traz Tieta como uma representação poderosa da luta por autonomia e igualdade, promovendo uma reflexão crítica sobre o papel da mulher na literatura e na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Representação; Literatura Brasileira; Jorge Amado.

ABSTRACT

This study aims to analyze the representation of women in **Tieta do Agreste**, by Jorge Amado, seeking to identify the literary and social elements that shape the female characters and to discuss their implications within both Brazilian literature and the society of the time. The research intends to examine the function of women in the Brazilian literary imagination, revealing how literature can both reflect and challenge gender relations and social dynamics. Literature is a fundamental field for debating the space of women in society, as narratives allow authors to expose, question, and transform perceptions of the female condition, reflecting realities and aspirations that surpass social and cultural boundaries. In this context, **Tieta do Agreste**, published in 1977, stands out as a remarkable work of Brazilian literature. With rich language and humor, it addresses the social contradictions of the Northeast, presenting Tieta as a bold woman who challenges the conventions and prejudices of her community. The study proposes to investigate how the female figure is represented in the novel, with particular attention to sexuality, freedom, and autonomy, and how Jorge Amado, through Tieta, criticizes the conservative morals of the period, giving voice to marginalized and repressed women. Tieta's trajectory is analyzed as a symbol of resistance and social transformation. The research is based on a bibliographic review supported by authors such as Simone de Beauvoir (1970), Judith Butler (2003), among others who discuss gender and feminist issues. Thus, Jorge Amado presents Tieta as a powerful representation of the struggle for autonomy and equality, fostering critical reflection on the role of women in literature and Brazilian society.

Keywords: Representation; Brazilian Literature; Jorge Amado.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAMINHOS DE FÉ E FOCO: A MULHER NÃO FOI FEITA DA CONSTELA DE ADÃO.....	13
3. JORGE AMADO: A VOZ DA BAHIA E O ECO MUNDIAL	18
4. A SERPENTE QUE DESAFIOU O PARAISO.....	22
5. ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: A FUNÇÃO DA RELIGIÃO NO TECER DAS RELAÇÕES FAMILIARES EM TIETA DO AGRESTE.....	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

A literatura é um amplo campo de debate sobre o papel da mulher na sociedade. Por intermédio de suas narrativas, os autores têm a capacidade de expor, questionar e até mesmo transformar as percepções sobre a condição feminina, oferecendo um espelho das realidades vividas e das aspirações que transcendem barreiras sociais e culturais. Nesse contexto, a obra **Tieta do Agreste**, de Jorge Amado, surge como um poderoso instrumento de reflexão crítica, desvendando com maestria as complexidades, os preconceitos e a força inerente à figura feminina

Neste trabalho, é realizada uma análise minuciosa da obra **Tieta do Agreste**, publicada em 1977, que se tornou um marco na literatura brasileira por sua abordagem vibrante e repleta de humor sobre as contradições sociais do Nordeste. A narrativa, com sua linguagem rica e envolvente, que harmoniza elementos regionais e universais, nos convida a mergulhar na vida e nos desafios de Tieta, uma personagem ousada que desafia as convenções e os preconceitos de sua comunidade.

O objetivo principal desta pesquisa é investigar como a figura feminina é representada em **Tieta do Agreste**, analisando de que maneira o romance reflete e, ao mesmo tempo, questiona as concepções sociais e culturais sobre as mulheres, com especial atenção à sexualidade, à liberdade e à autonomia.

A questão central que guiará este estudo é: como Jorge Amado, através da personagem Tieta critica a moral conservadora de sua época e confere voz às mulheres que, por tanto tempo, foram marginalizadas e reprimidas? Busca-se compreender por que o autor escolheu destacar a trajetória dessa personagem como um símbolo de resistência e transformação social.

A pesquisa é de cunho bibliográfico e, para tanto, utiliza as discussões de Simone Beauvoir (1970), uma mulher que foi ativista, filósofa, escritora e feminista, que, inclusive, para muitos, é considerada a mãe do feminismo; Judith Butler (2003), uma ativista que defende a desconstrução de gênero, dentre outros que serão relevantes.

Este estudo se justifica pela relevância intrínseca de discutir temas como desigualdade de gênero, preconceitos sociais, repressão moral e os desafios enfrentados pelas mulheres, questões que, infelizmente, permanecem atuais e pertinentes na sociedade brasileira. A análise da obra visa, portanto, fomentar uma reflexão crítica e sensível sobre o papel da mulher na literatura e, por extensão, na vida social.

Assim, apesar das conquistas legais e educacionais, permanece o desafio de distinguir o que é uma tendência natural das mulheres e o que lhes é imposto culturalmente. A ideologia de gênero, portanto, nos ajuda a compreender que os comportamentos atribuídos a cada sexo não são fixos, mas moldados por processos históricos e sociais que precisam ser continuamente questionados.

No cenário do agreste baiano, marcado por valores conservadores e uma rígida divisão de papéis de gênero, a mulher carrega o peso de uma moral dupla: enquanto é idealizada como símbolo de pureza e recato, também é severamente punida e excluída quando foge dessas expectativas. Tieta, ao retornar para sua cidade após anos de afastamento, representa essa ambiguidade. Marginalizada pela comunidade por seu passado e escolhas, ela é ao mesmo tempo objeto de fascínio e desejo, revelando a hipocrisia social que condena e exalta a mulher conforme conveniências.

A obra expõe, assim, a complexidade da condição feminina, que oscila entre a opressão e a busca por autonomia. Tieta é uma mulher que desafia os padrões impostos, revelando uma força interior que confronta o machismo arraigado da época. Sua trajetória mostra que a liberdade feminina, ainda que cercada de preconceitos, é uma luta constante, marcada por resistências e renegociações dos espaços sociais.

Ao trazer para o centro da narrativa essa personagem multifacetada, Jorge Amado denuncia as contradições da sociedade brasileira, que, ao mesmo tempo em que restringe a mulher, não consegue ignorar sua presença transformadora. A análise de Tieta permite, portanto, refletir sobre os mecanismos de exclusão e poder que atravessam a história das mulheres, ressaltando a importância da literatura como instrumento para dar voz a essas pluralidades.

A figura de **Tieta do Agreste** é emblemática para compreender as tensões entre marginalização e exaltação da mulher na sociedade brasileira do século XX. Sua história revela que a luta por reconhecimento e liberdade é atravessada por múltiplos desafios, mas também por possibilidades de reinvenção e resistência.

A obra permanece atual ao nos convidar a pensar criticamente sobre as relações de gênero e o papel da mulher na construção social, evidenciando que, apesar das transformações, muitas das questões levantadas continuam presentes em nossa realidade. Com isso, ressalta-se a importância desta pesquisa para o meio acadêmico e para a sociedade em geral, ao contribuir para o debate sobre gênero e as diversas representações femininas na literatura, evidenciando a atualidade e a urgência dessas discussões.

2. CAMINHOS DE FÉ E FOGO: A MULHER NÃO FOI FEITA DA COSTELA DE ADÃO.

"Então, o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tirou uma das suas costelas e cerrou a carne em seu lugar."

"E da costela que o SENHOR Deus tomou do homem, formou uma mulher e trouxe-a a Adão."(Gênese 2:21-22)

A criação da mulher a partir da costela de Adão é uma narrativa que simboliza uma visão religiosa, entretanto, revela um discurso patriarcal e reducionista, sugerindo que a mulher é uma extensão do homem e, portanto, secundária. Essa ideia perpetua a noção de que a identidade feminina é definida em relação ao masculino, limitando a autonomia e o protagonismo das mulheres.

Entretanto, essa visão não deve ser aceita como uma verdade absoluta. É fundamental reconhecer que a mulher não é simplesmente um reflexo ou uma derivada do homem, mas um ser completo, com sua própria identidade e valor. A história da mulher como "metade" de um homem é uma construção cultural que precisa ser desconstruída.

Destarte, a emancipação feminina ocorre quando as mulheres se reconhecem como inteiras, autônomas e capazes de moldar suas próprias vidas. Elas não devem se restringir a papéis tradicionais que lhes foram impostos por uma sociedade que busca aprisioná-las. Cada uma tem a capacidade de desafiar essas narrativas limitantes, reivindicando seu lugar de protagonismo no mundo.

As mulheres de Amado (personagens criadas pelo escritor) se recusam a ser definidas por uma narrativa que as reduz a costelas ou apêndices. Suas identidades são multifacetadas e fluidas, e não precisam da validação de ninguém para serem completas. A força da mulher reside em sua capacidade de se reinventar, romper com as amarras do passado e afirmar sua liberdade.

A verdadeira luta pela igualdade de gênero não é apenas sobre ocupar espaços tradicionalmente masculinos, mas sobre redefinir o que significa ser mulher. Ao fazer isso, não apenas se libertam, mas também abrem caminho para que outras mulheres façam o mesmo. A emancipação feminina é um ato de resistência e transformação, e cada uma delas é uma parte vital dessa jornada. A religião, em muitas tradições, apresenta narrativas como verdades fundamentais que moldam a compreensão do mundo e das relações humanas. No caso da passagem de Gênesis, a criação da mulher a partir da costela do homem é vista como uma

verdade sagrada que estabelece não apenas a origem da humanidade, mas também as bases para as dinâmicas de gênero.

Para os religiosos essa narrativa é mais do que um relato histórico; ela é uma revelação divina que transmite lições sobre a natureza da criação e os papéis que cada gênero desempenha na sociedade. A ideia de que a mulher é criada a partir do homem pode ser interpretada como um símbolo de interdependência, sugerindo que ambos os gêneros têm uma origem comum e, portanto, um propósito compartilhado no plano divino.

Assim, ao analisarmos essas passagens, é possível perceber que, embora a narrativa possa ser criticada sob uma perspectiva científica e de gênero, ela também reflete a busca por significado e compreensão na vida de muitas pessoas. Essa dualidade ressalta a importância da fé na formação das identidades, permitindo que, mesmo em um mundo em constante mudança, os indivíduos encontrem um senso de pertencimento e propósito em suas tradições e crenças. a narrativa religiosa pode ser um ponto de partida para diálogos mais profundos sobre gênero, identidade e a busca por equidade nas relações humanas.

Tradicionalmente, o termo mulher é usado para designar o sexo biológico feminino, ou seja, pessoas que nascem com características físicas consideradas femininas. No entanto, a teoria feminista e os estudos de gênero destacam que ser mulher vai além do corpo biológico, envolvendo também aspectos sociais, culturais, históricos e políticos. E gênero é uma construção social e cultural que diferencia as características, comportamentos, papéis e expectativas atribuídos a homens e mulheres em uma sociedade. Diferentemente do sexo, que é biológico, o gênero é fluido e variável conforme o contexto histórico e cultural.

No início da literatura brasileira, especialmente no período colonial e romântico, a mulher era frequentemente retratada de forma idealizada ou estereotipada. Tínhamos a “mulher como anjo do lar”, pura, recatada, dedicada à família e ao lar. Era a figura da esposa e mãe perfeita, um pilar moral que sustentava a sociedade.

Por outro lado, existia também a figura da “mulher fatal” a sedutora, a tentadora, muitas vezes vista como perigosa e destrutiva para a ordem social. Essa dualidade entre o anjo e o demônio é uma constante em muitas representações, refletindo os medos e desejos da sociedade patriarcal.

Conforme discutido por Santa’anna.

A narrativa ideológica é a que relata o real a partir da ótica da ideologia dominante. Ela procura reproduzir os sistemas de ideias e os sistemas de atitudes da comunidade, afirmando-se mimeticamente. Procura ser simétrica ao que denomina como real. Realiza-se modelos conscientes e inconscientes, situa-se no espaço das utopias e se identifica como o mito contado (Sant’anna, 1990, p.32).

Essa dualidade não apenas reflete os medos e desejos da sociedade, mas também reforça papéis sociais específicos que limitam a liberdade e a autonomia feminina, o que se torna evidente nas obras de autores como Jorge Amado. Assim, o Modernismo, por exemplo, trouxe personagens que questionavam os papéis tradicionais.

No arcabouço de várias personagens, Tieta é um exemplo de uma mulher que, mesmo dentro de um contexto conservador, exibe uma sensualidade e uma autonomia que desafiam as normas. Bem como **Gabriela Cravo e Canela**, que aspirava por liberdade e a todo momento resistia as normas patriarcais imposta a mulher, seu desejo e prazer em manter mais de uma relação iam contra os princípios de moralidade social.

Cabe destacar que escritoras como Clarice Lispector revolucionaram a forma de retratar a mulher. Em suas obras, encontramos personagens em profunda introspecção, explorando as angústias, as dúvidas existenciais, a complexidade da identidade feminina, muitas vezes em um fluxo de consciência que revela um universo interior rico e conturbado. A Macabéa de **“A Hora da Estrela”**, por exemplo, é uma figura marginalizada, mas sua existência, por mais simples que seja, é tratada com uma profundidade que a humaniza e a torna significativa.

Outras autoras, como Rachel de Queiroz, abordaram a mulher em contextos sociais difíceis, como a seca no Nordeste, mostrando sua força, resiliência e luta pela sobrevivência. Contraste a Raquel de Queiroz, Maria Valéria Rezende em **“O Voo da Guará Vermelha”**, apresenta uma construção da mulher que vai além da resistência física e da sobrevivência imediata, explorando também a dimensão emocional, a busca por autonomia e a transformação interior. Assim, enquanto Rachel de Queiroz enfatiza a mulher na luta concreta contra as dificuldades externas, Rezende destaca a mulher em sua complexidade, valorizando a subjetividade e a capacidade de renovação pessoal mesmo diante das adversidades.

É importante notar que a literatura brasileira também retratou (retrata) e criticou (critica) a opressão e a violência sofridas pelas mulheres, especialmente as mulheres negras e de classes sociais mais baixas. Autoras contemporâneas continuam a trazer à tona essas questões, explorando a interseccionalidade de gênero, raça e classe.

Simone de Beauvoir argumenta que a mulher não é definida por sua biologia, mas sim pela história e pela cultura que a cercam. Ela é construída como o "Outro", em oposição ao homem, que é o "sujeito" e o "absoluto". Essa construção se manifesta em todos os aspectos da vida, incluindo o comportamento esperado e a imagem que deve projetar” (Segundo Sexo, p.7. 1970). O que afirma Beauvoir, sobre o "Outro" e o "sujeito" é essencial para compreender as personagens femininas nas obras de Jorge Amado. Essa dicotomia se manifesta claramente em

Tieta do Agreste e em **Dona Flor e Seus Dois Maridos**, onde as mulheres enfrentam as construções sociais que as definem como "outras" em relação aos homens.

Dona Flor, apesar de sua imagem inicial como a esposa ideal, vive um conflito interno entre o amor por seu falecido marido, Vadinho, e a adaptação ao novo relacionamento com Teodoro. Essa luta revela sua busca por identidade e desejo, desafiando o papel de submissão esperado.

Por outro lado, Tieta retorna à sua cidade com uma postura desafiadora, afirmando sua liberdade e autonomia. Ao romper com as normas conservadoras, ela se transforma em uma agente de mudança, questionando os padrões tradicionais que a cercam.

O autor baiano trás em **Tieta do agreste** marcas relevantes dessa sociedade inerente que insiste em impor um padrão da mulher idealizada perfeita e de que maneira deve se portar perante essa sociedade.

...Será ela? Peto fica em dúvida. Não pode ser, a tia deve estar de luto, véu fúnebre tapando o rosto, igual à mãe, não pode ser de maneira alguma essa artista de cinema, Gina Lollobrigida. Na porta, sobre o degrau, majestosa, Antonieta Esteves – Antonieta Esteves Cantarelli, faça o favor, exige Perpétua. Deslumbrante. Alta, fornida de carnes, a longa cabeleira loira sobrando do turbante vermelho. Vermelho, sim, vermelho igual à blusa esporte, de malha, simples e elegante, marcando a firmeza dos seios volumosos dos quais se vê apreciável amostra através da gola de botões abertos (Amado, 1977, p.88).

No trecho acima, a figura de Perpétua é uma representação clara dessa imposição social. Sua reação inicial à chegada de Tieta é de incredulidade justamente porque Tieta foge do modelo esperado, para uma mulher em luto, o que a sociedade costuma ditar que a mulher em dor deve se recolher, se cobrir, manifestar sua tristeza através de um comportamento discreto e, muitas vezes, de uma aparência sombria e apagada. Esse é um exemplo de como a mulher é ensinada a gerenciar suas emoções e sua aparência de acordo com a conveniência social e a percepção masculina.

Quando Tieta aparece deslumbrante, a sociedade, através do olhar de Perpétua, tenta categorizá-la, comparando-a a uma "artista de cinema", o que a insere em um mundo de aparências e espetáculos. Beauvoir (1970) aponta essa tendência de transformar a mulher em um objeto de contemplação, em um espetáculo para o olhar masculino. A descrição física de Tieta, "Alta, fornida de carnes", a ênfase nos seus seios volumosos, na forma como a calça "valoriza volumes", reforça essa ideia. A mulher é encorajada a cultivar sua beleza e sua sensualidade, não como uma expressão autônoma de si mesma, mas como uma ferramenta para

atrair e agradar, para se tornar um “objeto sexualizado” que cumpre um papel dentro da ordem social.

Beauvoir (1970) também aponta que essa ênfase na aparência e na sensualidade serve para desviar a atenção de outras capacidades e aspirações da mulher. Ao ser constantemente julgada por sua beleza e seu corpo, a mulher é desencorajada a desenvolver plenamente seu intelecto, sua autonomia e sua capacidade de ação no mundo. O comportamento imposto à mulher, portanto, é o de ser passiva, bela, sedutora e submissa aos papéis que lhe são atribuídos: esposa, mãe, dona de casa, ou, neste caso, um objeto de admiração e desejo. O que faz questionar o porquê Jorge Amado, parece dar uma ousada liberdade a personagem ao mesmo tempo ele a regride com ênfase de que o corpo feminino no caso da personagem, é seu corpo e suas curvas o mais julgados perante os olhos que a rodeiam, o autor a descreve com ênfase a sensualidade e corpo marcado.

Mesmo a transgressão aparente de Tieta, usando uma calça jeans e exibindo sua sensualidade, é interpretada, no contexto da descrição, de uma forma que ainda a enquadra dentro de estereótipos. Beauvoir (1970) aponta que, mesmo ao tentar romper com as convenções, a mulher ainda opera dentro de um sistema que a define e a limita através de seu corpo e de sua imagem. A liberdade que Tieta parece exhibir é, em muitos aspectos, uma liberdade dentro dos limites do que a sociedade permite que uma mulher seja, ou seja, um belo espetáculo.

A mulher que Jorge Amado nos apresenta em suas narrativas é nitidamente construída em contraversão a sociedade da época em que autor nos apresenta a personagem Tieta, a respeito do qual é possível encontrar alguma concordância entre o feminismo que conhecemos e os argumentos de Mary Wollstonecraft (1992) que afirma que é a convicção de que a diferença entre homens e mulheres se sustenta na cultura e na educação que recebem. Essa é uma semente da ideologia de gênero sendo plantada na opinião pública, que afirma que o comportamento feminino não é uma expressão natural, mas sim resultado do ambiente social e da educação recebida.

A autora também afirmava que fortalecer a mente feminina e expandi-la poderia acabar com a obediência cega, que é buscada por tiranos e homens sensuais para manter as mulheres no escuro, transformando-as em “escravas ou brinquedos”. Contudo, com o avanço da emancipação feminina e da educação racionalista, percebeu-se que homens e mulheres continuam sujeitos a novas formas de tirania, muitas vezes mais sutis, como as pressões sociais e culturais para que as mulheres se enquadrem em padrões de comportamento e aparência. “...sentada ante o espelho da penteadeira, cremes diversos em sua frente, vidros com líquidos coloridos, algodão, um exagero de frascos e potes...” (Amado1977, p.101). O autor concretiza

a ideia de que, mesmo após a emancipação feminina, as mulheres ainda estão sujeitas a pressões sociais e culturais para que se enquadrem em padrões de comportamento e aparência.

Com isso, o "exagero de frascos e potes" simboliza o investimento de tempo e recursos exigido por essas expectativas estéticas, evidenciando como a busca pela beleza pode se tornar um novo tipo de imposição social, sutilmente controlando a mulher através de normas culturais. É a manifestação prática de como a sociedade ainda molda o feminino. Dessa forma, Amado emancipa a personagem Tieta ao mesmo tempo que nos mostra que a emancipação formal não garante a liberdade plena.

A personagem Tieta representa uma mulher que desafia as expectativas sociais ao investir em sua própria autonomia e aparência, rompendo com os padrões tradicionais que limitam o papel da mulher ao universo doméstico e à vaidade superficial. A obra evidencia como, mesmo com avanços sociais, as mulheres continuam sendo pressionadas a cuidar da aparência e a investir recursos significativos nisso.

3. JORGE AMADO: A VOZ DA BAHIA E O ECO MUNDIAL

Não quero erguer monumento nem posar para a história cavalcando a glória. Quero apenas contar algumas coisas, umas divertidas, outras melancólicas, iguais à vida. A vida, ai, quão breve navegação de cabotagem. (Jorge Amado)

Em 10 de agosto de 1912, o Brasil acolheu no fértil solo baiano o “menino grapiúna”, mais tarde conhecido e reconhecido mundialmente como o grande contador de histórias: Jorge Amado. No ano de 2012, o Brasil celebrou o centenário do nosso grande e internacionalmente Amado. Jorge Amado é o escritor brasileiro mais traduzido e a figura literária que moldou a recepção da literatura brasileira no mundo. Por um lado, ele é o escritor mais popular do Brasil dentro e fora do Brasil, mas por outro lado ele também é o escritor brasileiro mais polêmico (Pimentel, 2012).

Edward Said foi um dos pensadores mais importante do século XIX com contribuições fundamentais em diversas áreas das ciências humanas. Seus estudos acerca das relações entre conhecimento e poder, cultura e imperialismo, é sobre o papel do intelectual marcaram época. E são referências indispensáveis para estudiosos de várias disciplinas. Sobre Jorge Amado fez a seguinte crítica.

Ninguém, nunca, descobriu um método para separar o erudito das circunstâncias da vida, do fato do seu envolvimento (consciente inconsciente), com a classe, com um conjunto de crenças, uma posição social, ou da mera atividade de ser um membro da

sociedade. Tudo isso continua a ter influência no que ele faz profissionalmente, ainda que, naturalmente. (Said, 1978, p.21).

É amplamente reconhecido que, uma vez publicado, um livro segue seu próprio caminho, independente do autor, podendo alcançar popularidade de mercado ou fracassar. Além disso, sabe-se que a aceitação nas vendas de uma obra não depende necessariamente das críticas que recebe. Há casos em que um livro recebe elogios da crítica, mas sua venda é um insucesso; em outros, mesmo diante de avaliações negativas, conquista grande alcance e as opiniões dos leitores impulsionam sua projeção no mercado.

No entanto, raramente se presencia um conflito tão constante entre leitores e críticos, entre autor e público, que é o caso da produção de Jorge Amado. Assim, na literatura brasileira, é incomum observar tantas controvérsias em torno de um escritor: enquanto alguns críticos valorizam suas obras, outros as desprezam e olham com desconfiança para sua produção. Ao analisar a trajetória crítica de Jorge Amado e suas publicações, percebe-se uma jornada marcada por desafios e debates, desde o início de sua carreira, na década de 1930, até os anos 1980.

São alguns dos adjetivos críticos atribuído ao nosso romancista baiano: popular, populista, agente do stalinismo, utópico, anarquista, roteirista oficioso de Roberto Marinho, sexista, talentoso, competente, desleixado com a Língua Portuguesa, sensível à condição humana, romântico, vítima do preconceito elitista, bem-amado, mal-amado (Pimentel, 2012).

A presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Ana Maria Machado, em seu artigo, Jorge Amado: uma releitura, explica que a má vontade com a obra amadiana foi especialmente propagada por vários departamentos de Português nas universidades europeias, nos tempos em que o salazarismo ampliava suas raízes em Portugal. A resistência ao escritor baiano teria aumentado com a tradução de seu primeiro livro para o francês.

O autor preservava pelo falar local, e o uso de palavras do linguajar brasileiro era um forte argumento contra o autor que era acusado de promover e legitimar o linguajar chulo. Contudo acadêmicos discordam dessa visão. Houve críticos que afirmaram que se no Brasil tinha um escritor esse era Jorge Amado.

A sensualidade e a celebração do corpo foram marcas registradas de Amado, que trouxeram uma nova perspectiva para a literatura brasileira, essa característica também foi alvo de críticas, especialmente em épocas mais conservadoras. A forma explícita como ele retratava a sexualidade, muitas vezes ligada à cultura popular e a personagens de classes mais baixas, foi vista por alguns como vulgar ou excessivamente licenciosa. Assim, pensando em outros autores que, assim como Jorge Amado, retratam os marginalizados, a literatura brasileira possui uma vasta lista.

Assim como Amado, Graciliano Ramos é mestre em mostrar a dificuldade da vida no sertão nordestino e a luta pela sobrevivência de personagens como os retirantes em **"Vidas Secas"**. A angústia, a fome e a opressão social são temas centrais em sua obra. Rachel de Queiroz, em **"O Quinze"**, também aborda a seca no Nordeste mostrando a força e a resiliência das mulheres em meio à miséria.

Carolina Maria de Jesus em sua obra **"Quarto de Despejo"** traz um retrato cru e visceral da vida nas favelas de São Paulo, escrita por ela mesma, uma catadora de papel que vivia em condições precárias. É um documento histórico e literário de imenso valor sobre a marginalidade urbana. Assim como, Rubem Fonseca que, em suas narrativas urbanas, frequentemente explora o submundo das cidades, retratando personagens como policiais corruptos, prostitutas, criminosos e pessoas à margem da sociedade, mostrando a violência e a complexidade da vida moderna.

Esses autores, cada um com seu estilo e sua época, compartilham com Jorge Amado essa sensibilidade em dar voz e visibilidade àqueles que muitas vezes são esquecidos pela sociedade. É essa capacidade de se conectar com as mais diversas realidades que faz a literatura brasileira tão rica e pulsante.

Jorge Amado, renomado romancista brasileiro, sempre se destacou por sua profunda conexão com as raízes culturais e sociais do Brasil. Em suas obras, ele não apenas narra histórias, mas também se posiciona como um defensor dos marginalizados e da diversidade cultural. Em uma reflexão sobre sua própria trajetória e o impacto de sua literatura, Amado afirma:

Críticos já afirmaram que sou um romancista limitado, focado em temas como prostitutas e vagabundos. Aceito essa crítica e me orgulho de ser a voz dos mais marginalizados. Também mencionaram meu apreço pela mestiçagem, muitas vezes com um tom de racismo. Sinto-me honrado em ser um romancista da nação mulata do Brasil. Ao tentarem me ofender, esses críticos, na verdade, me valorizaram e definiram. (Amado 1990)

Amado, ao longo de sua trajetória, incorporou um ideal de brasilidade que ele mesmo ajudou a construir, caracterizado por uma essência popular e mestiça. É fundamental reconhecer que esse processo é específico e contextualizado. Assim, podemos concluir que ele parece ter assumido a missão de entrelaçar sua vida, suas obras e suas relações pessoais, criando uma representação otimista do Brasil que refletisse suas crenças e desejos.

Dessa maneira, o romancista buscou ilustrar os aspectos positivos da miscigenação racial e cultural do Brasil, além de valorizar a cultura popular. Isso se revela tanto em uma

análise retrospectiva de sua trajetória quanto na forma como ele moldou e apresentou sua vida cotidiana, seu comportamento, suas obras e suas interações sociais.

Moldando assim uma identidade real, onde a literatura dar voz a personagens que ficavam a margem da escrita. Suas obras abordam questões sociais, como a desigualdade e a luta dos marginalizados. Amado desenvolveu um estilo envolvente e poético, que mistura realismo com elementos do folclore e da oralidade, tornando suas narrativas acessíveis e cativantes.

Sobre as contribuições e críticas negativas destacam-se aqui alguns relevantes:

O escritor Milton Hatoum — que assina o novo posfácio de *Capitães da Areia* — acha que o preconceito com relação a escritores regionais como Amado “era forte, mas se apagou”. “Ou os leitores o derrotaram. Amado é ainda o nosso autor mais lido. Algumas críticas à linguagem e à composição dos romances são válidas. Mas são raros os romances perfeitos. Quem tentou desqualificar a prosa de Amado se danou.” (Hatoum, 2008).

O professor de teoria literária da Unicamp Alcir Pécora acha que a grande discussão sobre Amado a ser feita agora é sobre a mudança do olhar da crítica. “Os que falavam mal já não têm coragem de fazê-lo hoje”, diz. Pécora diz que nunca se comoveu pela obra do baiano. “Sempre achei a linha narrativa muito formular. Era eficiente, havia habilidade literária, mas o tipo de enredo que criava se resolvia muito facilmente.” (Pécora, 2008).

As críticas a Jorge Amado, representadas por Hatoum e Pécora, trazem à tona algumas contribuições negativas para a construção da identidade literária brasileira: O Preconceito contra regionalismos, Hatoum menciona um preconceito que, embora tenha diminuído, ainda persiste em certa medida. Essa visão negativa pode limitar a valorização de vozes regionais e suas contribuições à literatura nacional, dificultando a formação de uma identidade literária plural e diversa. Narrativas formulaicas, Pécora critica a narrativa de Amado como excessivamente formulaica e fácil de resolver. Essa perspectiva pode levar à desvalorização de obras que, embora populares, oferecem uma rica representação da cultura e da sociedade brasileira. Tal desconsideração pode resultar em um apagamento de narrativas que são fundamentais para a identidade literária do país. Essas críticas, se não contextualizadas, podem reforçar uma visão restrita da literatura brasileira, negligenciando sua diversidade e complexidade.

4. A SERPENTE QUE DESAFIOU O PARAÍSO.

Este capítulo aborda o perfil da personagem Tieta pelo olhar das demais personagens na narrativa de Jorge Amado. Inicia o narrador, na fase inicial do primeiro capítulo, com uma advertência:

Começo por avisar: não assumo qualquer responsabilidade pela exatidão dos fatos, não ponho a mão no fogo, só um louco o faria. Não apenas por serem decorridos mais de dez anos, mas sobretudo verdade cada um possui a sua, razão também, e no caso em apreço não enxergo perspectiva de meio-termo, de acordo entre as partes (Amado, 1977, p. 2)

Antonieta, conhecida em Santana do Agreste como Tieta, é descrita como uma menina travessa e muito bonita. Ajuda o pai, Zé Esteves, com as cabras e às admira pela liberdade sexual. Inicia sua vida sexual com um mascate nas dunas da praia de Mangue Seco, colocando em prática aquilo que apreendeu do trabalho com as cabras. Namoradeira, enfrenta o que for preciso para viver seus romances.

O narrador é onisciente, narra a história em terceira pessoa e, às vezes, faz intromissões em primeira pessoa. Sabe tudo sobre as personagens e enredo, adentra na realidade de cada personagem, conhecendo suas emoções e pensamentos. Chega até a revelar os pensamentos das personagens, em primeira pessoa, fazendo uso do discurso indireto livre. Ele se refere constantemente ao leitor, fazendo pausas para explicar algumas partes da história e personagens. É possível sentir proximidade com o narrador da obra através de sua percepção irônica da narrativa, com uma linguagem cheia de ambiguidades.

A personagem ao tempo que é assim descrita torna-se também um símbolo usado por Jorge Amado que a tece com uma crítica mordaz à hipocrisia e a moralidade da sociedade brasileira da época, Tieta, apesar de sua profissão estigmatizada pela visão moralista vigente, representa a vitalidade a liberdade e a generosidade em contraste com a aridez e o julgamento de personagens como sua irmã Perpétua.

A personagem é um símbolo de empoderamento feminino mostrando uma mulher que partindo da marginalidade acende social e economicamente “senhora do seu nariz” e desafia as expectativas de gênero e o patriarcado. Uma personagem complexa, Tieta não é unidimensional, ela é cheia de nuances mesclando sua experiência pessoal com as exigências sociais para obter sucesso, e seu retorno gera conflitos que expõe as condições da comunidade local.

Woolf, em **Um teto todo seu** (1929) diz: "Pense sempre em si mesma como uma mulher, e não deixe de fazer nada com medo de não parecer feminina o suficiente". A feminista

provoca uma reflexão profunda sobre a construção social da identidade feminina e as limitações impostas às mulheres, frequentemente reforçadas por estruturas tradicionais, incluindo a religião, desafia a noção de que a feminilidade deve se conformar a um molde rígido, que restringe as ações e escolhas das mulheres. Historicamente, muitas religiões desempenharam um papel ambíguo nesse cenário: enquanto oferecem sentido, comunidade e apoio, também impõem normas e papéis de gênero conservadores que limitam a autonomia feminina. Essas normas religiosas frequentemente reforçam expectativas de submissão, modéstia e passividade, contradizendo a ideia de que as mulheres devem agir livremente, sem temor de não se encaixar em padrões de feminilidade.

Portanto, o debate sobre mulher e religião não pode ser simplista. É crucial reconhecer a diversidade das experiências femininas dentro das tradições religiosas, assim como a necessidade de reinterpretar textos sagrados e práticas de maneira a promover a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres. O verdadeiro desafio reside em desconstruir preconceitos e papéis impostos, garantindo que a fé não se torne um instrumento de opressão, mas sim um caminho para a liberdade e o respeito à individualidade. Assim a autora nos lembra que a verdadeira feminilidade não está em se conformar a padrões externos, mas na coragem de agir segundo a própria vontade e consciência.

Nesse contexto, a religião deve ser uma aliada na busca por essa liberdade, e não um obstáculo. Dessa forma a personagem Tieta construída por Jorge Amado, emerge como uma figura que desafia as convenções sociais e morais de sua época e de sua pequena cidade, Santana do Agreste. Ao analisarmos Tieta sob a luz das reflexões de Virgínia Woolf sobre a subjetividade feminina, a autonomia e a construção da identidade da mulher, percebemos uma profunda ressonância entre as ideias da escritora modernista e a trajetória da personagem brasileira.

Woolf (1929), em sua obra seminal **"Um Teto Todo Seu"**, defende veementemente a necessidade de as mulheres terem um espaço próprio – tanto físico quanto mental – para que possam expressar suas verdades e experiências de forma autêntica. Essa premissa se conecta diretamente com a liberdade que Tieta reivindica e exerce. Ao retornar rica e empoderada após anos de exílio autoimposto, Tieta não apenas rompe com a repressão que a cercava, mas também se torna um catalisador de mudanças, questionando a hipocrisia e a rigidez moral da sociedade que a expulsou. Sua autonomia financeira e sua independência de pensamento são os pilares que sustentam sua liberdade de agir e de amar, ecoando a visão de Woolf de que a independência é fundamental para a expressão da individualidade feminina.

A liberdade sexual de Tieta, muitas vezes vista como escandalosa pelos habitantes de Santana do Agreste, pode ser interpretada não apenas como um ato de rebeldia, mas como uma

afirmação de sua própria agência sobre o corpo e o desejo. Woolf, ao advogar por um espaço onde as mulheres possam explorar sua sexualidade sem culpa ou vergonha, abre caminho para compreendermos Tieta como uma personagem que se apropria de sua própria narrativa erótica, desafiando as normas patriarcais que buscam controlar o corpo e a sexualidade feminina.

A personagens audaciosamente criada pelo romancista Baiano, torna-se um símbolo da luta contra uma moralidade que, embora pareça progressista em alguns aspectos, ainda se fundamenta em velhos padrões de controle. Assim, a sociedade contemporânea, a hipocrisia se manifesta de várias maneiras.

As redes sociais, por exemplo, criam um espaço onde a imagem pública é cuidadosamente construída, enquanto a vida privada pode ser marcada por contradições. Muitas pessoas se apresentam como defensoras de uma moralidade aberta, mas, nos bastidores, perpetuam julgamentos severos e práticas que contradizem esse discurso. Tieta, ao romper com essas convenções, lança luz sobre essa dualidade, mostrando que a verdadeira liberdade sexual não se limita a atos físicos, mas envolve a coragem de desafiar expectativas sociais.

5. ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: A FUNÇÃO DA RELIGIÃO NO TECER DAS RELAÇÕES FAMILIARES EM TIETA DO AGRESTE.

Neste capítulo, exploraremos a complexa interseção entre a religião e as relações familiares na obra **“Tieta do Agreste”**, de Jorge Amado. Através de uma análise detalhada, examinaremos como as crenças religiosas moldam comportamentos, valores e dinâmicas sociais dentro da família, refletindo as tensões entre o sagrado e o profano.

A narrativa de Tieta nos apresenta um rico panorama onde a religiosidade permeia as interações familiares, influenciando desde a moralidade até a autonomia dos personagens. Investigaremos como a figura da igreja e as práticas religiosas atuam como forças tanto de controle social quanto de resistência, revelando as contradições que permeiam a vida dos indivíduos.

Destarte, o diálogo com o poema da escritora, Angelica Freitas se faz necessário,

Porque uma mulher boa
é uma mulher limpa
e se ela é uma mulher limpa
ela é uma mulher boa
há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas
a mulher era braba e suja
braba e suja e ladrava

porque uma mulher braba
 não é uma mulher boa
 e uma mulher boa
 é uma mulher limpa
 há milhões, milhões de anos
 pôs-se sobre duas patas
 não ladra mais, é mansa
 é mansa e boa e limpa(...)

(Freitas, 2017, p.7)

O poema associa a "bondade" feminina à "limpeza" e contrasta essa figura com a "mulher braba e suja" remetendo a uma reflexão crítica sobre os papéis de gênero e a moralidade que, historicamente, foram impostos às mulheres. Ao observar essa construção, pode-se questionar a relevância desse discurso tanto no contexto do século XX quanto na contemporaneidade, especialmente à luz das personagens criadas por Jorge Amado, como Tieta.

Durante o século XX, a sociedade brasileira, assim como muitas outras ao redor do mundo, era marcada por uma moralidade conservadora que restringia a liberdade feminina. A figura da "mulher boa" era idealizada, representando a pureza, a submissão e a dedicação ao lar. Essa construção não apenas limitava as aspirações das mulheres, mas também as sujeitava a um controle social rigoroso. Nesse contexto, a mulher que não se encaixava nesse padrão, como a "braba e suja" do poema, era frequentemente marginalizada e rotulada como imoral.

As personagens de Jorge Amado, como Tieta, Gabriela, Dona Flor, entre outras aparecem como respostas a essa moralidade opressora. Tieta, com sua sexualidade livre e sua recusa em se submeter às normas patriarcais do Agreste, desafia diretamente a visão tradicional da mulher. Sua história é um grito de liberdade em um contexto que tenta reprimir sua essência. Gabriela, por sua vez, é uma mulher que, embora viva em um ambiente igualmente conservador, expressa sua sensualidade e autonomia, revelando a complexidade da experiência feminina e Dona Flor com mais de um companheiro rompendo com a linha da moralidade construída pela sociedade para o sujeito feminino.

Na contemporaneidade, o debate sobre a construção da mulher ainda é pertinente. Embora se tenha avançado em algumas áreas, como a luta pelos direitos femininos e a busca por igualdade de gênero, muitos dos estigmas e das normas sociais do passado persistem. O poema, ao afirmar que uma "mulher braba" não é uma "mulher boa", ecoa discursos que ainda são utilizados para controlar e silenciar vozes femininas.

As personagens de Amado continuam a ser relevantes, pois elas representam a luta contra essas imposições. Tieta e Gabriela se tornam ícones da resistência e da autonomia, desafiando não apenas as normas de suas épocas, mas também questionando as construções contemporâneas que ainda tentam definir o que é ser uma "boa mulher". A liberdade que elas

buscam e conquistam é uma luta que ressoa em muitas mulheres hoje, que ainda enfrentam julgamentos e estigmas por suas escolhas e estilos de vida.

Em diálogo com ser “boa” ou “ruim”, constantemente a religião, ao longo da história, se tornou uma ferramenta que molda os bons e maus costumes, e em **Tieta do Agreste**, a religiosidade é frequentemente utilizada pelos personagens para justificar suas ações e julgamentos.

Jorge Amado explora a complexa relação entre desejo e moralidade, especialmente na figura feminina e nas dinâmicas familiares. A obra retrata uma sociedade profundamente influenciada por normas religiosas, onde a sexualidade e os impulsos humanos são frequentemente reprimidos em nome da moralidade. Nesse contexto, as interações entre os personagens revelam a tensão entre a libertação pessoal e a conformidade com os preceitos religiosos, criando um cenário de conflitos internos e hipocrisia.

Um exemplo marcante dessa dualidade pode ser observado na seguinte cena:

Cardo!

– Diga, tia.

– Está ocupado?

– Estou estudando, é hora da banca. Mas, se quiser alguma coisa...

– Quero, sim. Venha cá.

Ricardo deixa o livro, entra no quarto.

– Passe creme nos meus ombros, faça uma massagem. Abra a mão. – Espreme a bisnaga, põe-lhe no côncavo da mão o creme

Oloroso. – Vá, espalhe primeiro, depois amasse com as mãos e os dedos.

Baixa o penhoar, exhibe as espáduas nuas; com a mão fecha-o sobre os seios, fica composta, ainda bem. Curva-se para facilitar a tarefa do sobrinho.

Ricardo espalha o creme e começa, desajeitado, a esfregar-lhe os ombros.

– Nas costas, filho.

Esse não tem malícia, se fosse o pequeno estaria tentando ver a curva do busto sob as rendas. O rapaz sente o cheiro doce do creme, a maciez da pele. Não pode entupir o nariz nem retirar as mãos. Sente, sem querer sentir. O Demônio o possui pelos dedos, pelas ventas. Que fazer, Senhor? Orar, pois a oração é a arma que Deus entregou aos homens para vencer as tentações, derrotar o inimigo. Padre-Nosso que estais no céu...

– Força, meu bem.

Curva-se ainda mais Antonieta, a mão já não prende o robe.

Ricardo desvia a mirada pois o seio, solto, surge inteiro, moreno, volumoso. Onde parou, na oração? Não nos deixeis cair em tentação...

– Chega, meu filho, muito obrigada.

Ao agradecer, volta-se com um sorriso, surpreende o sobrinho a mover os lábios.

– Que é que você está fazendo? Rezando?

Espoca em riso, Ricardo encabula, vermelho, escabreado.

– Tem medo de mim? Não sou diabo, não.

– Oh!, tia.

– Nem fazer massagem no cangote da tia é pecado.

– Não pensei nada disso. Tenho o costume de rezar enquanto faço algum trabalho manual. – Mente, ainda por cima.

– Então me dê um beijo e vá estudar.

Beijo do pequeno não seria esse distante roçar de lábios na face. Peto é um perigo. Aos doze anos nem Tieta possuía igual atrevimento, tanta urgência. (Amado 1977, p.145).

Nesse contexto, a religião aparece como um elemento que busca controlar e regular os desejos humanos, especialmente em relação à sexualidade e à moralidade. A oração de Ricardo, que surge enquanto ele realiza uma tarefa que poderia ser vista como pecaminosa, evidencia como a religião é utilizada para lidar com as tentações e os "desvios" do comportamento esperado.

A cena revela a luta interna dos personagens, onde a religiosidade é invocada como um mecanismo de defesa contra os impulsos naturais. A ideia de que a oração é a "arma que Deus entregou" para vencer as tentações reflete a forma como a religião pode ser usada para justificar a repressão de desejos e impulsos considerados inadequados. Além disso, a figura da tia Antonieta, que se mostra provocativa e brincalhona, desafia as normas religiosas ao mesmo tempo em que se utiliza delas para justificar sua própria liberdade. Isso ilustra a hipocrisia que muitas vezes permeia a moralidade religiosa, onde o desejo é reprimido, mas também explorado de maneiras sutis.

Assim, a religião, ao invés de ser apenas um guia moral, torna-se um espaço de conflito e contradição, onde os personagens buscam afagar seus "desvaneios do pecado" através da oração e da conformidade, enquanto também lidam com as realidades de seus desejos humanos. Essa dinâmica é central na obra de Jorge Amado, que frequentemente explora as complexidades da moralidade, do desejo e da liberdade.

A religião, ao longo da história, tem exercido um papel ambivalente nas sociedades humanas, sendo ao mesmo tempo uma fonte de conforto espiritual e um mecanismo de controle social. Para compreender essa dualidade, é essencial analisar como as instituições religiosas moldaram comportamentos e valores, tanto no passado quanto na contemporaneidade, e como isso se reflete nas dinâmicas sociais atuais.

A seguir, será apresentado uma situação emblemática que ilustra as divergências entre os padrões morais: “Nas dunas de Mangue Seco, Tieta, pastora de cabras, conheceu o gosto de homem, mistura de mar e suor, de areia e vento. Quando o mascate a arrombou, igual à cabrita horas atrás, ela berrou. De dor e de contentamento (Amado,1977, p.06)”. A cena em que Tieta "conheceu o gosto de homem" é carregada de simbolismo. A descrição que mistura "mar e suor, de areia e vento" evoca um momento de entrega e descoberta, mas também de vulnerabilidade. O uso da palavra "arrombou" sugere uma violência implícita, uma transgressão que se relaciona com a forma como a sexualidade feminina é frequentemente tratada nas sociedades

patriarcais. É interessante notar que o autor, um homem branco, insere-se nessa dinâmica complexa. Ao narrar a experiência de Tieta, ele não apenas dá voz a uma mulher, mas também se coloca em uma posição de poder ao fazê-lo. Essa dualidade é crucial: enquanto ele oferece um espaço para que a sexualidade feminina seja explorada e expressa, também corre o risco de reafirmar as normas patriarcais que historicamente silenciaram as vozes femininas.

Essa tensão entre dar voz e manter o controle é um reflexo da luta contínua por autonomia e reconhecimento das mulheres em contextos onde suas experiências muitas vezes são minimizadas ou distorcidas. Assim, a obra convida à reflexão sobre como a narrativa pode ser um ato de empoderamento, mas também um campo de batalha onde as vozes femininas ainda lutam para serem ouvidas em meio a narrativas dominantes.

A religião muitas vezes impõe normas estritas sobre a sexualidade feminina, considerando-a como algo que deve ser controlado e regulado. A ideia de que a mulher deve ser pura e submissa é uma premissa em muitas doutrinas religiosas. Tieta, ao experimentar sua sexualidade, desafia essas normas, tornando-se uma figura de desobediência.

Assim, a religião frequentemente utiliza a ameaça de punições divinas para regular comportamentos. A ideia de que a mulher que se entrega ao desejo está sujeita a condenação moral ou espiritual serve como um mecanismo de controle social. Tieta, ao berra de "dor e contentamento", representa essa dualidade: o prazer que ela busca é também uma fonte de conflito interno e social.

O trecho revela a hipocrisia presente nas normas sociais. Enquanto a sexualidade masculina pode ser celebrada, a feminina é reprimida e julgada. A religião, ao regular a mulher, perpetua essa desigualdade, criando um ambiente onde as mulheres são frequentemente vistas como responsáveis pela moralidade da sociedade.

A experiência de Tieta é uma forma de resistência. Ao desafiar as normas impostas, ela reivindica sua autonomia e seu direito ao prazer. Isso contrasta com a visão religiosa que busca moldar o comportamento feminino de acordo com padrões rígidos. A sua "berrada" pode ser interpretada não apenas como dor, mas como uma afirmação de sua existência e de seus desejos.

(...) Carmosina, colegas na escola primária; dona Milu dedicava-lhe particular estima e a defendia quando as más línguas vinham tosar na pele da moça, melhor dito nas carnes da rapariga.

Moça falada, na boca das comadres:

– Aquela já perdeu os tampos há muito...

– Já foi chamada às ordens...

– Moça, aquela sujeitinha? Rapariga é o que ela é... dá para Deus e o mundo...

Dona Milu punha fim à conversa, dispersava o elenco:

– Se ela está dando, dá o que é dela e eu nunca soube que se deitasse com homem por dinheiro, é o corpo que pede. Que pede a ela e a todas, não é mesmo, Roberta? As

outras não dão, trancam com sete chaves, mas só a caixa da periquita. O resto não faz mal, não é isso, Gesilda? Do sovaco ao fiofó, tudo vasculhado. (Jorge Amado, 1977. p.43)

Pierre Bourdieu (1989), em sua teoria, destaca que os símbolos (como palavras, gestos, hábitos, estilos de vida) são formas de capital simbólico que refletem e reproduzem relações de poder e desigualdades sociais. O símbolo não é apenas um signo neutro, mas carrega significados sociais que são interpretados dentro de um campo social específico, influenciando a posição dos indivíduos nesse campo. Assim, no trecho apresentado, temos uma situação de julgamento social sobre a moça, Carmosina, que é alvo de fofocas e críticas por parte das "comadres". Essas críticas usam símbolos ligados à moral sexual e à reputação da jovem "perdeu os tampos", "já foi chamada às ordens", "dá para Deus e o mundo". Esses símbolos servem para marcar a posição social dela dentro do grupo, evidenciando uma espécie de exclusão ou estigmatização.

Dona Milu, por sua vez, atua como uma espécie de a gente que tenta ressignificar esses símbolos, oferecendo uma defesa que relativiza a moral sexual e atribui um caráter natural e coletivo ao comportamento da jovem "é o corpo que pede", "pede a ela e a todas". Ela questiona o julgamento moral e tenta deslegitimar o capital simbólico negativo atribuído à moça, ao mesmo tempo em que reforça uma distinção entre o que é visível e o que é escondido "as outras não dão, trancam com sete chaves mas só a caixa da periquita". Assim, segundo Bourdieu, esse trecho ilustra como os símbolos (a linguagem moral e as expressões populares) são instrumentos de poder simbólico que definem e reforçam hierarquias sociais e exclusões. O julgamento sobre a moça é um mecanismo de controle social que opera através do capital simbólico, e a disputa em torno desses símbolos revela as tensões e estratégias para manutenção ou contestação dessas posições sociais.

Esse controle social era reforçado por práticas e rituais que buscavam garantir a conformidade. A ideia de punições divinas por comportamentos imorais, como a sexualidade livre, servia para manter a ordem social e garantir que os indivíduos se mantivessem dentro dos limites estabelecidos. Como no ato de Tieta ser expulsa de Santana do Agreste por quebrar com esses padrões religiosos de que mulher teria por exemplo, que se manter pura e castra.

Com a chegada da modernidade e o avanço de movimentos sociais, especialmente o feminismo e a luta pelos direitos humanos, houve uma gradual desconstrução desses paradigmas. No entanto, muitos dos estigmas e normas sociais que caracterizavam o passado ainda persistem. Hoje, a religião continua a influenciar a moralidade e as normas de comportamento, mas a sua função como controle social é mais complexa.

As doutrinas religiosas ainda promovem ideais de pureza e submissão para as mulheres, refletindo uma moralidade que, embora questionada, ainda é internalizada por muitos. A repressão da sexualidade feminina, por exemplo, continua a ser uma questão relevante, com muitas mulheres enfrentando julgamentos e estigmas por suas escolhas pessoais. Além disso, a religião frequentemente se entrelaça com questões de poder e gênero, perpetuando desigualdades.

No presente, a religião também se manifesta como um espaço de resistência e transformação. Grupos religiosos têm se mobilizado em torno de causas sociais, buscando justiça e igualdade. A espiritualidade pode servir como uma fonte de empoderamento, especialmente para mulheres que desafiam normas patriarcais. Movimentos como o feminismo religioso mostram que a fé pode ser um alicerce para a luta por direitos e libertação.

Em muitos casos, essa perspectiva contribui para a manutenção de status, enfraquecendo a mobilização por transformações sociais mais profundas. Além disso, certos discursos religiosos são utilizados para justificar práticas discriminatórias e para reforçar normas conservadoras que limitam direitos civis e sociais, incluindo o papel da mulher na sociedade, o acesso à educação, e a participação política.

A discussão sobre o papel das mulheres na sociedade contemporânea é amplamente abordada por Michelle Perrot, que afirma. “Das mulheres muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou que elas devem ser” (Perrot, 2006. p.22). Assim, é nesse cenário de tensões, manifestam-se debates públicos sobre temas como a violência contra a mulher, o direito ao aborto, a igualdade salarial, e a participação feminina em cargos de liderança religiosa e política

Em suma, a influência da religião sobre as questões de gênero permanece significativa e multifacetada. Embora ainda haja muitos desafios decorrentes de interpretações e práticas religiosas conservadoras, há também um crescente movimento de transformação que utiliza a fé como instrumento de empoderamento e luta social. Reconhecer essa dualidade é fundamental para compreender as dinâmicas sociais contemporâneas e para promover avanços na construção de uma sociedade que valorize a igualdade, a liberdade e a dignidade de todas as pessoas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto até aqui, a pesquisa revela a profundidade e a complexidade da narrativa em questão, que vai além da história narrada. Amado não apenas retrata a realidade social e cultural do Brasil, mas também provoca reflexões sobre temas universais, como a luta pela liberdade, a hipocrisia social e a busca por identidade.

A obra de Jorge Amado revela um olhar complexo e, por vezes, subversivo sobre a figura feminina, mesmo vindo de um autor homem. Amado desafia as convenções de sua época ao apresentar personagens femininas que fogem dos estereótipos tradicionais. Tieta não se enquadra na dualidade de "anjo do lar" ou "mulher fatal" que dominava a representação feminina na literatura. Em vez disso, ela encarna uma autonomia e uma sexualidade que questionam diretamente a moral conservadora e a hipocrisia social de Santana do Agreste.

Essa representação, embora literária, pode ser vista como uma contribuição para o empoderamento feminino e para a construção de uma identidade feminina baiana e brasileira mais autêntica e multifacetada. Ao dar voz a uma mulher que abraça sua sensualidade, sua independência e sua capacidade de decisão, Amado abre espaço para que outras mulheres, tanto na ficção quanto na realidade. A personagem Tieta, com sua força e sua capacidade de reinventar a si mesma, torna-se um símbolo de resistência contra as imposições sociais e morais.

A obra de Amado, ao explorar a liberdade e a autonomia de suas personagens femininas, contribui para a desconstrução de ideologias de gênero que limitam o potencial das mulheres. Ao apresentar mulheres que buscam seu lugar no mundo, que se permitem o desejo e o prazer, e que desafiam os papéis impostos, ele ajuda a moldar uma identidade feminina brasileira que é mais forte, mais diversa e mais consciente de seu próprio valor.

Destarte., essa representação literária ressoa com os movimentos feministas e com a busca contínua por igualdade, mostrando que a literatura pode ser, de fato, um poderoso instrumento de transformação social e de afirmação identitária. Assim, a análise de suas obras, portanto, permanece relevantes para a compreensão da literatura brasileira e para os debates sobre o papel da mulher na sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Capitães de areia**. São Paulo: Jose Olympo, 1937.
- _____. **Dona flor e seus dois maridos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1966.
- _____. **Tieta do Agreste**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusora do Livro, 1970.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder do simbolismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1949.
- GOULAT, Jose Dias (org.). **Bíblia pastoral**. 32. ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- HATSUM, Milton. "Posfácio de Capitães da Areia". In: **Folha de S. Paulo**, 16 mar. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1603200813.htm>.
- JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.
- LISPERCTOR, Clarice. **A HORA DA ESTRELA**. São Paulo: Jose Olympo, 1977.
- PÉCORA, Alcyr. Obras de Amado foram acusadas de populista e conservadora. In: **Folha de S. Paulo**, 16 mar. 2008. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1603200813.htm>.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Intrínseca Ltda, 2006.
- QUEIRÕES, Raquel de. **O Quinze**. São Paulo: Jose Olympo, 1930.
- REZENDE, Maria Valéria. **O voo da guará vermelha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 160 p.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: a representação ocidental do Oriente**. Tradução de Shafiq Adir et al. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo, um banquete filosófico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Londres: J. Johnson, 1792.